



Editorial

A Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, em sua 26ª edição, volta a acontecer de forma presencial depois de dois anos. Mais uma vez a APEOESP participa e leva para a avenida o tema "Viver, votar e educar. Por uma escola inclusiva já". O tema do sindicato coaduna com o slogan geral escolhido pelos organizadores da Parada LGBT de São Paulo: Vote com orgulho – por uma política que representa.

Desde a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, o País tem sido refém de uma política econômica genocida, que promove cortes em investimentos sociais – hoje temos 33 milhões de pessoas passando fome – e de questões ideológicas moralistas. Por exemplo, uma das primeiras ações do governo foi a retirada da comunidade LGBTQIA+ da carta de diretrizes de Direitos Humanos, que estabelece para quais grupos são promovidas políticas públicas.

No Estado de São Paulo, o governo Doria/Rodrigo Garcia mantém a mesma política bolsonarista de cortes de investimento nas áreas sociais, aprovou a reforma da Previdência, que possibilitou o confisco no salário dos aposentados e pensionistas. Seguindo a mesma lógica, chegou a censurar material didático sobre educação sexual.

Neste ano temos a oportunidade de dizermos não à guerra ideológica e à política econômica neoliberal que tem levado nosso País à fome e ao desemprego. Por isso, não podemos nos isentar. Pense bem na hora de escolher seus candidatos ao Executivo nacional e estadual e também os candidatos a deputados (estaduais e federais), além do Senado.

Uma boa leitura,

Diretoria da APEOESP

Viver, votar e educar. Por uma escola inclusiva já

Depois de dois anos e com 78% da população brasileira vacinada contra a Covid-19, a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo acontece, em sua 26ª edição, de forma presencial na avenida Paulista – ainda que resguardando protocolos sanitários. Em ano eleitoral, a Parada terá como tema central "Vote com orgulho – por uma política que representa". O tema escolhido, segundo os organizadores, "reitera o compromisso com a luta contra o preconceito e pela busca por representantes que pautem políticas afirmativas e estejam engajados com a promoção dos direitos humanos".

Como todos os anos, a APEOESP, por meio do Coletivo LGBT "Prof. Fernando Schueller", participa da parada e leva para a avenida o tema "Viver, votar e educar. Por uma escola inclusiva já",

por entender que neste ano de 2022 vivemos uma conjuntura que exige de nós a busca de mudanças estruturais para a difícil situação da população brasileira, em função da política econômica desastrosa de Jair Bolsonaro, e também da guerra ideológica que ataca a população LGBTQIA+ quando se registrou um crescimento da violência e do preconceito, mas também pela carestia que atinge principalmente a classe trabalhadora. É, portanto, um momento importante para se eleger candidatos – tanto para



os cargos do Executivo quanto do Legislativo – que defendam um projeto de soberania e desenvolvimento, com redistribuição de renda e justiça social e que promova políticas sociais para as chamadas minorias e que lutem pelo fim da LGBTQIA+fobia.

Em defesa do Museu da Diversidade



No dia Internacional contra a Homofobia, Transfobia e Bifobia, 17 de maio, a Alesp (Assembleia Legislativa) promoveu uma audiência pública "Em defesa do Museu da Diversidade e de políticas públicas para a população LGBTQIA+". Promovida pela deputada Professora Bebel (presidenta licenciada da APEOESP), a audiência contou com as presenças da ativista Salete Campari (drag queen), Symmy Larrat, da

ABGLT, Anselmo Figueiredo, do Fórum Paulista LGBT, Marcelo Moraes, Secretário Estadual LGBT do PT, Janaína Oliveira, da Rede Afro LGBT, Vinícius Silva, defensor público, Isabelly Carvalho, vereadora de Limeira, Waldir Siqueira, coordenador do Coletivo LGBT da CUT, José Carlos Bueno do Prado, o Zezinho, da CNTE, Carolina Lara, vereadora da Câmara de São Paulo, Igor Andrade, do Ativoz Osasco, Renata Scaquetti, do SindSaude, deputada Mônica Seixas, e Viviane Trindade.

Para a professora Bebel, "o fechamento do Museu da Diversidade é um ataque frontal a essa comunidade que produz cultura e que, apesar de brutalmente atacada, nos traz alegria e muitas reflexões diariamente."

Às vésperas de completar 20 anos, o Museu da Diversidade Sexual interrompeu seus trabalhos no dia 30 de março por tempo indeterminado, depois de uma decisão judicial, que tem como base ação movida pelo deputado estadual Gil Diniz (PL), apoiador do presidente Jair Bolsonaro.

Diretora do Museu, Marisa Bueno ressaltou que "esse museu é o terceiro maior do mundo e o primeiro da América Latina que é destinado à memória e pesquisa LGBTQIA+".

O governo Doria/Rodrigo Garcia cortou verbas da cultura. O Museu, que era ligado à Secretaria da Cultura do Estado, passou a ser gerido pelo Instituto Odeon.

Pesquisa do IBGE aponta que **2,9 milhões de pessoas** se declaram homossexuais ou bissexuais

O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) divulgou no dia 25 de maio dados da Pesquisa Nacional de Saúde que trouxe à tona de forma inédita números sobre orientação sexual autoidentificada da população adulta. A pesquisa apontou que 2,9 milhões de pessoas se autoidentificaram como homossexuais ou bissexuais. Isto representa 1,8% da população brasileira com 18 anos ou mais.

Esta é a primeira vez que o IBGE divulga dados sobre orientação sexual, e ocorreu depois de o Ministério Público Federal (MPF) acionar o instituto na Justiça. O MPF questionou o fato de o Censo Demográfico de 2022 não ter incluído perguntas sobre a população LGBTQIA+.

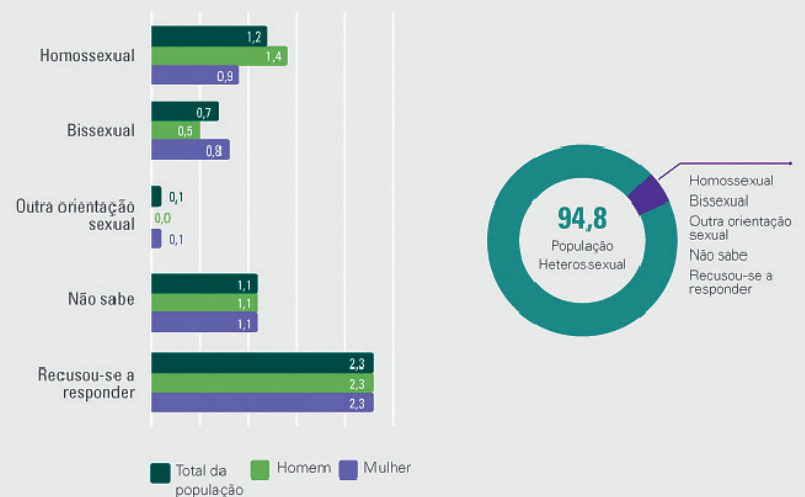
De acordo com dados do IBGE, em 2019, o Brasil contava com 159,2 milhões de pessoas com 18 anos ou mais, das quais 53,2% eram mulheres e 46,8% homens. Deste total, 94,8%

se declaram heterossexuais; 1,2% homossexuais, 0,7% bissexuais; 1,1% disseram não saber sua orientação sexual, enquanto 2,3% não quiseram responder e 0,1% declaram outra orientação sexual, como assexual ou pansexual, por exemplo.

A pesquisa recebeu críticas de especialistas, por considerem-na frágil e por ignorar a sexualidade de pessoas transgêneros e também pelo alto índice (2,3%) de pessoas que não responderam. Desde a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, especialmente no interior do País, em regiões mais conservadoras, aumentou a violência contra a comunidade LGBTQIA+, o que poderia ser um fator determinante para o alto índice de pessoas que preferiram não responder. "Simplesmente não há um contexto favorável para que as pessoas se sintam bem ao declarar sua orientação sexual", comentou o pesquisador Marco Au-

Orientação sexual das pessoas de 18 anos ou mais (%)

Por autodeclaração - Brasil - 2019



Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde 2019 | Estatísticas Experimentais | AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS | IBGE

rélio Prado, em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo.

A antropóloga Regina Facchinida,

da Unicamp, também em entrevista ao jornal criticou a ausência de dados de identidade de gênero na amostragem.

Almanaque fala sobre história LGBTQIA+ e ensina a criar comitês



Em parceria com a Solidarity Center, ligado à AFL-CIO – maior organização sindical dos Estados Unidos e Canadá – a CUT Nacional lançou em 2021 o "Almanaque LGBTQIA+", que aborda classe, gêneros, resgatando culturas e histórias da luta por direitos desta população no Brasil, contextualizada com as lutas internacionais. Fala, por exemplo, da fundação do Grupo Somos, em São Paulo, em plena ditadura. O coletivo foi muito

importante para que, dois anos depois, acontecesse o Primeiro Encontro Brasileiro de Homossexuais. "A história de muitos anônimos que nos antecederam ensinou que a ousadia de ir além da resistência é o que leva a luta para fora dos limites e inspira o nosso presente", escrevem os editores na apresentação da cartilha.

Além das questões históricas, o almanaque aborda temas como o significado das letras presentes na sigla LGBTQIA+, conceito de família, a importância da adoção inclusiva, que combata a discriminação e a intolerância, o mundo do trabalho. O almanaque também traz cinco passos que orientam a organização de coletivos LGBTQIA+ nos locais de trabalho, em suas cidades, sindicatos.

Veja os cinco passos para criar um comitê em sua cidade ou em sua escola:

- 1 - O coletivo deve ser formado por sindicalistas militantes da causa LGBTQIA+ e pela Secretaria de Direitos Humanos (ou equivalente, como a de Políticas Sociais).
- 2 - Não há um número específico de membros para formar um coletivo,

mas recomenda-se um mínimo de cinco integrantes.

- 3 - Após a constituição do coletivo, eleja um coordenador ou uma coordenadora, defina quem fará os relatórios das reuniões e quem apresentará as pautas à secretaria com a qual o coletivo terá ligação.
- 4 - Após a constituição do grupo é importante aprofundar a consciência do coletivo e da direção sobre o tema.

Algumas formas de fazer isso envolve promover palestras, debates, plenárias, seminários etc. Materiais informativos e formativos sobre o tema LGBTQIA+ podem ser solicitados às secretarias estaduais e nacional da CUT.

- 5 - Quando o grupo se sentir preparado para ampliar sua atuação com sustentabilidade política, chega a hora de convocar um encontro regional. E depois estadual.

Mundo do trabalho e direitos de pessoas LGBT

Em 2019, a CUT-SP (Central Única dos Trabalhadores de São Paulo) reeditou e atualizou a cartilha de formação que trata sobre a diversidade, o fortalecimento da luta por direitos e a construção da igualdade no mundo do trabalho.

Intitulada "Mundo do trabalho e direitos das pessoas LGBT – Resistir para existir", a cartilha é uma produção da Secretaria de Políticas Sociais e do Coletivo de Trabalhadores e Trabalhadoras LGBT da CUT-SP, feito com o objetivo de lembrar as conquistas e os caminhos que ainda precisam ser percorridos no combate à LGBTfobia no Brasil.

A nova publicação, que está em sua 4ª edição, traz um conteúdo revisado e ampliado. O material agrega novos conceitos, dá maior destaque aos direitos conquistados e traz orientações e informações para a organização dos trabalhadores e das trabalhadoras LGBTs nos sindicatos, além de apontar caminhos para a busca de auxílio quando essa população for vítima de preconceitos.

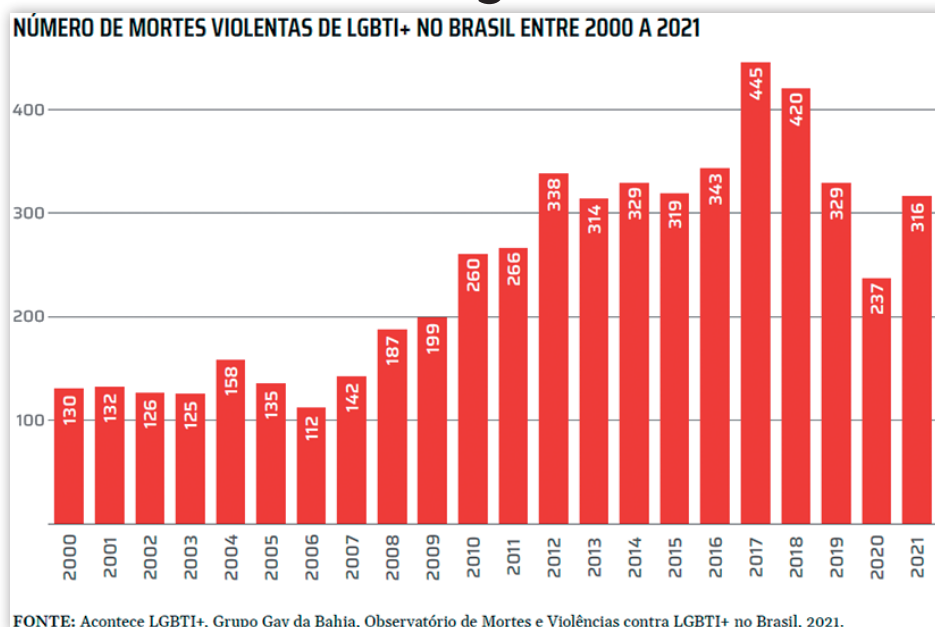
Você pode ter acesso à cartilha pelo portal da APEOESP, no link: <http://www.apeoesp.org.br/publicacoes/lgbt/cartilha-lgbt-cut-2019/>

Brasil registra 316 mortes violentas da população LGBTI+

Desde a eleição de Jair Bolsonaro à presidência da República, em 2018, o País vem assistindo um retrocesso nas conquistas sociais sem precedentes. Por exemplo, uma das primeiras ações do governo foi a retirada da comunidade LGBTQIA+ da carta de diretrizes de Direitos Humanos, que estabelece para quais grupos são promovidas políticas públicas.

A consequência não poderia ser mais nefasta. Nos últimos anos, houve crescimento da violência e do preconceito contra a comunidade LGBTQIA+.

Em 2021, o Brasil registrou 316 mortes violentas da população LGBTQIA+. Os dados constam no dossiê "Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil", divulgado no dia 11 de maio. A pesquisa aponta que houve um aumento de 33,3% dos casos em relação a 2020, quando se registrou 237 mortes violentas. Em mais de 90% dos casos, foram vítimas de homicí-



dio ou latrocínio (quando há roubo seguido de morte).

Ainda de acordo com o Dossiê, nos últimos 21 anos, 5.362 pessoa morre-

ram em função do preconceito e da intolerância por parte da população e devido ao descaso das autoridades responsáveis pela efetivação de polí-

ticas públicas capazes de combater os casos de violência. Em 2000, quando se iniciou as pesquisas, foram registrados 130 casos. O pico das mortes ocorreu em 2017 e 2018, com 445 e 420 casos, respectivamente (veja gráfico)

O levantamento é um esforço conjunto do Observatório de Mortes Violentas com as entidades Acontece – Arte e Política LGBTI+, Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (Antra) e Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT).

Na apresentação da pesquisa, os coordenadores ressaltam que “é importante constar que esse aumento [no registro do] de mortes está atrelado à articulação e atenção que o movimento LGBTI+ tem dado a tal demanda, já que a violência sempre ocorreu historicamente, mas não se tinha um esforço em mensurá-la e combatê-la”.

NA ESCOLA

Explorando o entendimento da orientação sexual

A garantia de uma educação para a diversidade é um dos mecanismos de enfrentamento de todas as formas de discriminação. Educar para a diversidade não significa apenas reconhecer as diferenças, mas refletir sobre as relações e os direitos de todas as pessoas.

Assim, sugerimos a dinâmica “Explorando o entendimento da orientação sexual” para provocar o diálogo acerca da temática de orientação sexual, assim como refletir e compreender os preconceitos e estereótipos que conduzem à discriminação de pessoas que, de algum modo, não se conforma às convenções de gênero e de sexualidade.

Dinâmica

Objetivo: Expor o ambiente social negativo que se forma contra pessoas não heterossexuais e considerar as consequências de crescer nele.

Material: quadro e giz ou folhas de papel flipchat (ou cartolina e pincel atômico).

Tempo recomendado: 1h45min

Procedimento:

1 - Introduzir a dinâmica anunciando

que a tarefa é conhecer o ambiente negativo contra não heterossexuais e analisando as palavras que as pessoas associam aos termos lésbica e gay.

- 2 - Fazer duas colunas, uma com a palavra gay, como cabeçalho, outra com a palavra lésbica. Ver as orientações sobre como fazer isso no item “Pontos a considerar”.
- 3 - Estimular as/os participantes, perguntando-lhes quais as palavras que ouviram – e ouvem – as pessoas associarem a gay. Ir anotando as palavras no quadro/folha. Explicar que, nesta atividade, o objetivo é conseguir o máximo de palavras, sem discussões preliminares.
- 4 - Anotar no quadro as contribuições de todas/os, mesmo que não as aprove. Caso as/os participantes falem as palavras muito rapidamente, solicitar que repitam, para que todas/os contribuam.

Pontos a considerar:

- 1 - Você pode estimular a turma fazendo perguntas. Por exemplo: “Como os gays parecem?”; “Quais empregos eles têm?”; “Como eles agem?”; “Alguma palavra positiva?”. Anotar as

palavras no quadro ou na folha. Após 10 a 15 palavras obtidas para cada pergunta, repita o processo, agora relacionando palavras ao termo lésbica.

- 2 - Perguntar se há alguma palavra positiva no quadro – observe que, entre as ocupações de gays, é possível que estejam as de ator, cabeleireiro, designer de interiores e dançarino, e, entre as de lésbicas, a de motorista de caminhão.
- 3 - Explicar como essas associações, ainda que não sejam negativas, representam estereótipos. Lésbicas e gays têm todo tipo de profissão. Muitos gays jogam futebol, são encanadores, homens de negócios, pedreiros, professores, engenheiros; muitas lésbicas são secretárias, médicas, trabalhadoras de fábricas, professoras, e assim por diante.
- 4 - Circular quaisquer palavras positivas (pode ser que não haja muitas, em nenhuma das listas). Sublinhar qualquer palavra que possa, de alguma forma, ser um estereótipo.
- 5 - Falar sobre como jovens gays e lésbicas crescem nesse clima de negatividade e como isso pode ser

impactante para seus sentimentos e percepção de si.

- 6 - Avisar que você apagará tudo do quadro, menos aquilo que for completamente positivo. Geralmente não há palavras que sobram, além dos cabeçalhos. Isso mostra como é difícil e injusto para jovens gays e lésbicas viver nesse ambiente negativo.

Fechamento:

Você pode começar dizendo:

- 1 - Assim como o clima e o tempo em diferentes regiões de nosso país formam ambientes, as atitudes e crenças das pessoas também criam um ambiente social. Quando chove e estamos desabrigados, nos molhamos, queiramos ou não. Da mesma forma, somos afetados pelo ambiente social em que vivemos, e isso inclui as escolas. Por vezes, apoiamos ideias que pessoalmente não apoiáramos, mas que, por fazerem parte desse ambiente, não examinamos nem pensamos naquilo que elas implicam.
- 2 - Essas ideias podem não ser suas, mas vocês podem ter ouvido outras pessoas expressando-as.



Canais de denúncia contra violações de direitos LGBT



O Brasil é um dos campeões mundiais de crimes homofóbicos. A guerra ideológica promovida pelo governo Jair Bolsonaro, infelizmente, provocou medo ou a falta de confiança na segurança pública, levando muitas vítimas da rotina homofóbica deixarem de denunciar os agressores.

pela Prefeitura de São Paulo, atende denúncias de LGBTfobia, tanto nos canais digitais como por telefone. Para fazer a denúncia não há pré-requisitos ou a necessidade de qualquer documentação oficial, como um boletim de ocorrência. Apenas serão solicitadas informações sobre o ato ou a situação

Qualquer pessoa agredida – física ou verbalmente – deve registrar queixa e exigir seus direitos. Conheça alguns serviços contra a homofobia.

Desde agosto de 2021, o serviço SP156, criado

que se quer denunciar, como, quando e onde ela ocorreu, quem a praticou e o que aconteceu.

O Estado de São Paulo também mantém serviços de combate à LGBTfobia. São vários canais que recebem denúncias: Ouvidoria da Secretaria da Justiça e Cidadania – telefone (11) 3291-2621; Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual do Estado de São Paulo, e-mail diversidadensexual@ap.gov.br; Núcleo Especializado de Defesa da Diversidade e da Igualdade Racional da Defensoria Pública, telefone (11) 9 9965-6036, e-mail: nuddir@defensoria.sp.def.br;

Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi), rua Brigadeiro Tobias, 527, 3º andar, Luz; telefones (11) 3311-3555 ou 3311-3556, e-mail: decradi@policiacivil.sp.gov.br.

Expediente

Dirigentes responsáveis

Maria Izabel Azevedo Noronha
Presidenta (afastamento eleitoral)

Fábio Santos de Moraes
Presidente (em exercício)

Roberto Guido
Vice presidente (em exercício)

Walmir Siqueira
Secretário de Comunicações (em exercício)

Stenio Matheus de M. Lima
Secretário de Comunicações Adjunto

Rita de Cássia Cardoso
Secretária de Políticas Sociais

Richard Araújo
Secretário Adjunto de Políticas Sociais

Conselho Editorial

Maria Izabel Azevedo Noronha
(Afastamento eleitoral)

Fábio Santos de Moraes
Roberto Guido

Stenio Matheus de M. Lima
Leandro Alves Oliveira

Silvio de Souza
Rita de Cássia Cardoso

Richard Araújo
Miguel Noel Meirelles

Fláudio Azevedo Limas
Francisco de Assis Ferreira

Paula Cristina Oliveira Penha

Produção:

Secretaria de Comunicações da APEOESP

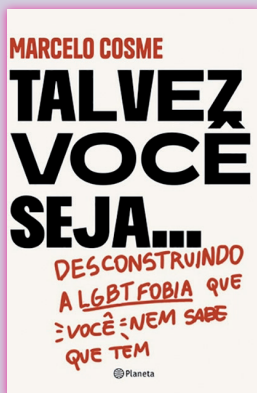
Tiragem: 15 mil exemplares

Dicas de leitura

Talvez você seja...

Marcelo Cosme

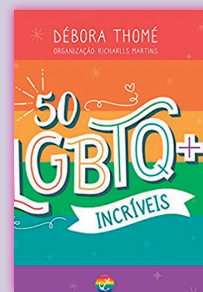
O jornalista Marcelo Cosme, apresentador do Jornal Globo News, é o autor de *Talvez você seja...* Desconstruindo a LGBTfobia que você nem sabe que tem. No livro, Cosme revela em detalhes a sua jornada para se reconhecer como gay – uma experiência sofrida como a de milhares de pessoas na descoberta de sua sexualidade e/ou gênero. Como um bom jornalista, Cosme parte em busca de respostas para as questões que afligem o seu universo. Conversou com especialistas como o “médico dos brasileiros” Drauzio Varella, o psicólogo Angelo Brandelli, a psicóloga Rosângela Macedo e o psiquiatra Jairo Bouer. Entrevistou políticos que falam publicamente sobre a sua sexualidade como o governador Eduardo Leite, o senador Fabiano Contarato e a vereadora Érika Hilton. O livro conta também com um prefácio surpreendente do cantor Lulu Santos. Mas, acima de tudo, são as histórias de pessoas desconhecidas, como a de um homem trans e de um garoto que apanhou dos pais, que tocarão o coração do leitor. O objetivo de Marcelo é instigar, provocar, despertar em todos o olhar sobre o próprio comportamento. Ao mesclar a própria história com a de outras pessoas e a visão dos especialistas, ele oferece uma oportunidade para os pais aceitarem melhor os filhos.



50 LGBTQ+ incríveis

Débora Thomé

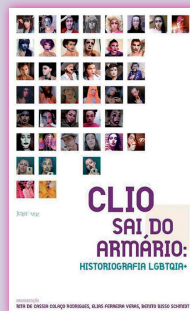
Idealizado por Débora Thomé, *50 LGBTQ+ incríveis* faz um panorama de artistas, cantores, atores, escritores e personalidades em geral da comunidade LGBTQ+, indo da jogadora de futebol Marta, passando por Pablo Vittar até Angela Ro Ro. Forte e instigante, o livro, ao retratar fragilidades, dificuldades e obstáculos na trajetória de cada um, se torna uma verdadeira força inspiradora, comprovando que acreditar em seus sonhos e em você mesmo é, sim, sempre, o caminho certo a seguir.



Complexos Invertidos

Allan Rodrigues

A obra aborda um tema que sempre foi e será atual e polêmico na sociedade desde os primórdios até a contemporaneidade. É uma questão que sempre foi objeto de estudos nas áreas afins de forma diacrônica. O romance conta a história da amizade de dois rapazes, que teve início na infância e se estendeu pela vida adulta. A falta de informações, os valores religiosos, éticos e morais fazem com que o eu-romântico não consiga resolver seus conflitos internos, determinando com que a gênese responsável pelo sentimento universal dos dois fosse interrompida por fatores banais dentro de uma sociedade capitalista que ainda insiste em manter seus valores arcaicos se escondendo por detrás de alguma imperfeição maquiada. O tema escolhido para ser abordado dentro de uma perspectiva literária e tangenciando as ciências naturais, coloca Bryan em dúvida sobre sua sexualidade. Esta dúvida transita dentro das dicotomias dos gêneros. Dentro da sigla LGBTQIA+, a bissexualidade é a mais incompreendida dentro da sociedade? Talvez, a obra convida o leitor a fazer uma pausa para refletir sobre a diversidade de gêneros que cresce e ganha um espaço maior na sociedade atual. É necessário que o assunto ganhe uma amplitude dimensional em todos os âmbitos, principalmente no espaço literário e contribua para uma mudança de comportamento para quem se identificar.



Clio sai do armário:

Historiografia LGBTQIA+

Rita Colaço Rodrigues
Elias Ferreira Veras,
Benito Bisso Schmidt (org.)

Clio sai do armário é um marco nos estudos históricos brasileiros, fruto do primeiro encontro organizado entre historiadoras e historiadores ligados à temática LGBTQIA+. Seus textos oferecem uma reflexão densa e atualizada, situada em seu escopo temático, mas que mobiliza questões que perpassam toda a historiografia. Nas palavras de Joana Maria Pedro, é uma obra que “conclama à empatia, ao olhar para o outro, para o cuidado. É resultado da coragem de quem, no passado e no presente, soube desobedecer a cisheteronormatividade”.